

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Typographia de Paula Brito — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000 rs. por seis meses para a corte, e 6000 rs. para fóra, pagos adiantados. No. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

COM A 2.^a DESTE MEZ.

Os Srs. assignantes que não puderam até aqui mandar reformar suas assignaturas da — Marmota — e as pessoas que, desejando assigna-la, não puderam realizar isso no mez findo, podem fazel-o ainda até o dia em que andar a 2.^a loteria do corrente mez, sendo as nossas cautelas de — premio em dinheiro — do seguinte modo:

(Cada bilhete tem 40 numeros.)

Para a sorte de 20:000 — Em dinheiro 1000 rs.
 " " " de 10:000 — " " " 500 rs.
 " " " de 5:000 — " " " 300 rs.
 " " " de 2:000 — " " " 200 rs.

Em geratoda e qualquer pessoa que assignar a MARMOTA, O Archivo, etc., ou comprar libretos, romances, poesias, musicas, estampas, etc., na loja de

POLETTINI.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TELXEIRA
 E SOUSA.

(Principiou no n. 1065.)

Era um joven e lindo caçador, que, deitado na estrada, meio recostado sobre o tronco de uma arvore, e descansando talvez da fadiga de seu longo caminhar, cantava docemente este romance, cujo assumpto é assaz conhecido em nossa historia.

ROMANCE.

— Oh que amor meu peito encerra,
 Amor, que porti se-seval
 Ou não te-vás desta terra,
 Ou si-te-fôres me-leva...

PAULA Brito terá cautelas, — gratis — dos premios acima, na seguinte proporção: gastando

De 200 a 300 rs. 1 cautela (10 numeros).
 De 300 a 500 rs. 2 cautelas (20 numeros).
 De 500 a 700 rs. 3 cautelas (30 numeros).
 De 700 a 900 rs. 4 cautelas (40 numeros).
 Gastando 1000 rs. 5 cautelas (50 numeros).

4 — Praça da Constituição — 64

Ainda o Dr. Severiano Rodrigues Martins.

— Não nos tendo sido possível inserir no n. antecedente os votos de gratidão dos amigos José Antonio e Peixoto Guimarães, o 1.^o recitado ao bemfazejo medico na noite de 22 do corrente, o 2.^o publicado no *Correio Mercantil*; damos hoje o complemento de todas essas produções.

Dr. Severiano — São emanações de Deos os sentimentos da gratidão e da amizade: de ambos partilham os corações sensiveis.

— Amor, que teu peito encerra
 Só p'ra mim has de guardar...
 Ou me não vou desta terra
 Ou se-eu-fôr hei te-levar.

— Minha patria largarei,
 O que nella possuir,
 Os parentes deixarei
 Sómente por te-seguir.

— Si a patria queres deixar,
 E della o teu possuir,
 Faço gosto em te-levar
 Si fazes em me-seguir.

— Si arreceias meu amor,
 Arreceios vão findar;
 Porque sinto em meu ardor
 Um amor que sabe amar.

— Eu de amor não arreceio
 Para arreceios formar,
 Porque tu tens no teu peito
 Um amor que sabe amar.

— Não será tua esquivaça
 Motivo para meu mal;
 Nem será tua mudança
 O prazer de um rival.

— Não será minha esquivaça
 Motivo para teu mal,
 Nem de mim uma mudança
 O prazer de um rival.

Assim, reunidos vem hoje os vossos amigos dar-vos uma tenue prova do alto apreço em que sois tido na sua opinião, e na do publico em geral, que vos apregôa como homem eminentemente humano; os factos o provam; cital-os seria ocioso.

Prescindindo, pois, do que é já patente, dignai-vos tambem de acceptar neste momento solemne os meus sinceros votos de gratidão e amizade.

E por estes tocos versos podeis ver os sentimentos que nutro em meu coração a vosso respeito.

Soneto.

Para o homem que préza a honestidade
 Não valem titulos vãos nem vã riqueza,
 A verdadeira, a unica nobreza,
 Consiste na virtude e probidade.

Vós a tendes, despido de vaidade
 Mostrando nas acções alta grandeza
 Da alma que vos deu a natureza,
 Terna, sensivel, cheia de bondade.

Com tres dotes, deuter, has conquistado
 Um nome, cuja fama é já notoria,
 O de humano, por todos adorado.

E como grato sou, hei na memoria,
 Em quanto vivo for, tel-o gravado,
 Pois de ser vosso amigo tenho a gloria.

José Antonio.

— Si per minha fermosura
 Mal te-cabem vis falsias;
 Não mal andei si em ternura
 Te-dei o que merecias.

— Si per tua fermosura
 Mal me-cabe uma falsia,
 Bem andaste si em ternura
 Me-déste o que eu merecia.

Oh! que galé será aquella
 Que rasga as ondas do mar?
 Oh que galé, vae tão bella
 Prestes a terra deixar!

Velejando empavesada
 Sobro os mares se-embalança,
 Em a sua poppa alçada
 Brinca a bandeira da França.

Mar em fóra a-velejar
 Se-parto a galé franceza;
 Ondas do salgado mar
 Lá corta com ligeireza.

Traz ella se-vé nadante
 Linda turba de mulheres...

— Navio, por um instante
 Eu te-supplico que esperes.

— Tu levas Caramurú
 A vida do meu viver!...
 Ou deixa Paraguassú,
 Ou pára, e me-vé morrer.

O Dr. Severiano.

Alguns amigos do Dr. Severiano Rodrigues Martins, reconhecendo os muitos e relevantes serviços por elle prestados á humanidade, especialmente por occasião das duas epi- demias ultimas, e não cabendo a elles remunera- los com o premio que compete á quem faz serviços aos seus concidadãos com risco de sua vida, lançaram mão do que podiam dispor, mandaram tirar o seu retrato, e lh'o offereceram em um modesto quadro.

Que o Dr. Severiano Rodrigues Martins é um medico que se presta a socorrer a humani- dade sem se importar saber se quem o chama é rico ou pobre, sabe-o muita gente a quem elle trata por caridade com o mesmo afan e dedicacão com que trataria ao hom- em mais altamente collocado. Mas o que muitos não sabem, ou flegem não saber, é que por occasião do cholera, quando muitas pessoas fizeram congos e contos de rés com o monopólio de vidrilhos e diversas substancias, o Dr. Severiano compoz uma receita para combater a algidez dos cholericos e a deu ao publico sem interesse algum, fazendo ainda mais preparar o remedio á sua custa e applicando-o gratuitamente em muitos de seus do- entes, nos do hospital da camara municipal nos do da rua do Senhor dos Passos, de onde tambem era medico, e enviando-o a muitos de seus collegas que lh'o pediam; e a unica paga que dis-o teve foi tão somente a alegria que sentia quando recebia participacões de seus collegas de terem tirado muitas vanta- gens do seu receitaário, ou quando via er- guer-se do leito da dôr o pobre moribundo que estava já lançado ao cemiterio, como lhe aconteceu muitas vezes nos dous hospitaes deima citados!

Alguem quando ler estas toscas linhas, dita- das por um coração grato, talvez diga: « En- gajarra-me, não me apresentaram o Dr. Severiano, mas... »

Finalizando, direi ao meu amigo Dr. Seve- riano, que releve ter offendido a sua mo- destia e direi mais que quando um homem exercea caridade como elle o faz, quasi que chega a parecêr-se com Deos.

L. P. da F. Guimarães

— Si me não tinhas de feito,
Qual eu tinha, equal ardor:
Porque accendeste em meu peito
Incendio do meu amor?

— Não tens dô do meu amor,
Nem dô do meu triste fim?
Matas minh'alma de dôr,
E me-abandonas assim?

— Oh que ingrata creatura!
Que falsa tão estranha!
Oh que tamanha tristura!
Oh que esquivança tamanha!

— Como escrava ia servir
Servindo Caramurú...
Te-seguira a não seguir
A infame Paraguassú!

— Pois que não posso contigo,
Já viver vida de amor,
Fico sem ti, e contigo
Vou morrer morte de horror!

— Vou-me p'ra morte me-andando,
E' minha hora chegada...
Mas porque morra te-amando,
Vou da morte enamorada...

Dice, e já pallida e fria
Se-escorrege, e cahe do leme;
E da morte na agonía
Estrebucha, morre e geme.

ARTE DE GOVERNAR AS MULHERES.

QUARTA PHASE.

DEPOIS DE MÃI.

(Continuação do n. 1076.)

Alguns dias depois d'aquelle indesculpavel descuido, vós lhe dizois com toda a sinceridade, como si se tratasse da coisa a mais simples do mundo, que para ser satisfeita não necessitasse da menor hesitação.

— Minha querida Anais, preciso das cha- ves da minha secretaria, dá-me.

Ella finge não vos ter comprehendido e põe-se a brincar com as franjas do seu ban- quim. Reinteirais o vosso pedido. Ella vai para o piano e começa a cantar *Lembras-te Elisa...* ou então esta poesia de Guido: *Fugio-me como uma sombra.* &c.

Pela terceira vez, repetis a vossa supplica cievando á um *quinto* o diapason de vossa voz. Ella resolutamente mette mãos ao piano e toca as variações da *Cenerentola*.

Não podeis gostar de semelhante modo de responder e percorrendo tambem toda a vossa escala chromatica, em fórma de jura lançais este brado:

— Basta, senhora!.. quereis por ventura zombar de mim?!

— Eu, senhor? vos diz ella com uma adoravel hypocrisia. Sabeis perfeitamente que sou incapaz d'isso.

— Já vos disse tres vezes que preciso das chaves da minha secretaria; e então?

— Ah!.. E para que as quereis?

— Quero-as por que me são precisas.

— Recesiais por ventura que eu as perca? Eu não sou nenhuma criança, socegai.

— Não é por isso, não, vos approssais em responder; é mesmo porque necessito d'ellas; quero ver umas coisas na secretaria.

— E' para tirar dinheiro?

— Não é.

— Será sem duvida para por?

— E', dizeis, interiormente vos alegran- do com esta mentira, na esperança que decidirá çlla do bom resultado de vosso pedido.

Nisto as outras nadadoras
Em vão valel-a quizeram;
Porém não eram já horas,
Que valel-a não poderam.

Elle não poude valel-a,
Nem dar vida a tanto amor;
Sem chorar não poude vel-a,
Nem vel-a morrer sem dôr!

Quebrai-vos rochas de dôres,
Chore o amor, a praia gema...
Campos, murchai, seccai, flôres,
Porque é morta Moema.

Parece que o joven caçador cantou sómen- te as estrophes de que lembrou-se n'aquelle occasião, pois conforme nos parece algumas ainda faltaram.

Pouco tempo depois elle levantou-se, e deu o andar para a casa de Laura, e ali ba- teu. A linda mulher, que com tanto interesse havia escutado o romance deima era a mes- ma Laura; e foi ella quem veio abrir a porta ao formoso desconhecido. Nem Laura, nem o joven caçador poderam eucovrir sua sor- preza um ao outro. E em verdade, ver Laura sem sentir-se abalado por tanta formosura, mal caberia á alma de gôlo de um Xenofonte ou de um estoico, cujas sensações estivessem inteiramente embotadas, e incapazes de se-

Porém Anais zelosa pelos seus creditos e não querendo passar por tola, appressa-se a ir ella mesmo abrir a secretaria.

— Podeis vir, já está aberta, senhor. *Ten- des licença* para procurar o que quizerdes.

Não era isso o que pertendeis; depois de tão renhido combate, abortaram os vossos planos.

O que fareis? Não tendes remedio agora sinão vos servirdes da artilharia que tem estado de reserva.

— Senhora, acabemos com semelhante brincadeira. E' inutil teimardes para conser- var por mais tempo estas chaves; a cada mo- mento necessito dellas, e não mo conven- tel-as assim em vosso poder.

— E eu tambem, senhor, tenho *essa neces- sidade* que sentis, e agora ainda mais do que vós. Já vódes que não é possivel separar-me dessas chaves!

— Porém, senhora, isso é uma birra, é inadmissivel, e até deveis comprehender que não é possivel.

— Ora, Senhor; não comprehendo senão uma coisa e é que tenho tanto quanto vós o direito de guardar estas chaves.

Ouvindo-a fallar em *direito* ficais confuso, atterrado e pela primeira vez começais a trem- mer. Todos os revolucionarios, todos os inimigos dos governos constituídos não se pre- valecem de um direito?

Entretanto não pareceis atemorisar-vos com esta palavra de rebelião, com esta pala- vra empregada em todas as revoltas, e res- pondeis com o tom decidido de um homem que a todo custo quer manter a sua auto- ridade.

— Senhora, são me absolutamente indis- pensaveis estas chaves; e nem é possivel prescindir d'ellas a minha autoridade mari- tal, pois são as suas mais caracteristicas insignias. Sem ellas nada mais ficarei va- lendo aqui, serei um automato sem prestigio nem força: sem ellas não poderei mais go- vernar nem a mim mesmo, terei de abdicar o meu absolutismo, e para ser o que? — um marido *constitucional!* E a *constituicão* n'este

impressionarem dos prazeres, ainda os mais innocentes da natureza! Quanto ao caçador, de dezete a dezoito annos de idade, era de estatura regular, bem feito, e sobre maneira airoso. Seus negros cabellos, um tanto cres- cidos, formavam engraçados anneis sobre seu pescoço, dando á sua linda cabeça uma fór- ma assás elegante. Debaixo de duas propor- cionadas sobranceiras, the-brilhavam dous grandes olhos negros, que saltitando inquie- tos pareciam brincar com innocentes amores; e enquanto duas pudicas rosas contrastavam a brancura de seu rosto, no meio de suas fa- ces, uma pequenina boeca abrindo dous lindos e rubicundos labios, deixavam ver duas bellas ordens de candidos e pequenos dentes, excessivamente bem dispostos, deixando o seu enantador sorriso duas ligeiras som- bras, presas em duas graciosas covas, feitas em suas faces, como duas ligeiras nuvens, pouco densas, esmaltam um céu da aurora: no mesmo passo que a bem feita barba, ain- da mal assombrada (como por sobre o labio superior) pelos primeiros guias da puberdade, se-repartia feiticeiramente em duas. Juntai a tudo isto um timbre de voz agradável e tocan- te; maneiras engraçadas, fórmulas assás po- lidas, uma gesticulacão honesta, e vós me- perguntareis: — E' um anjo?

(Continúa.)

caso contraria todas as regras do grande principio absolutista, sobre o qual apoia-se a minha autoridade. Não, não destruireis assim velhas tradições e antiquissimas leis adoptadas em todas as casas bem dirigidas. Não conseguireis transformar a actual ordem de coisas, promovendo uma especie de 7 de Abril conjugal. Não, isso não será levado a effeito: custa o que custar, embora me seja preciso pedir o apoio de forças estrangeiras, ou não deixarei usurpar a minha corôa.

Depois do haverdes assim fallado, fizeti uma pausa para ver o effeito que o vosso discurso produziu, e em seguida a este pequeno intervallo proseguis:

— Ha muito tempo, senhora, que estabelecis um sitio fatal ás minhas prerogativas: ha muito tempo que tendes abusado, como sempre acontece, das concessões que vos tenho feito, dos privilegios que á minha fraqueza vos tem concedido. Tudo isto deve hoje ter um termo; é preciso que hoje eu prove todo o meu poder, tornando cumpridas as minhas leis. Assim, si continuardes fora da ordem, si perseverardes nas vossas idéas subversivas, em uma palavra, emfim, si não me restituirdes estas chaves, emblemas de minha autoridade, ver-me-hei forçado a reprimir um tal abuso e a servir-me da força contra força!... Dou-vos vivante o quatro horas para pensar.

E entras no vosso gabinete afim de excogitar os meios pelos quaes conseguireis abater a hydra da anarchia, que tão corajosamente ousou erguer contra vós as suas medonhas cabeças.

(Continúa).

Uma pagina da minha vida.

Maria, deita por um momento ao menos que ao toque electrico das minhas recordações palpita e se elevante, disforme ou bello, mas sempre venerando, esse grande cadaver do tempo que se chama o — passado —.

Consente, oh! virgem, que eu erga uma

FOLHETIM

POR UM TRIZ

ROMANCE ORIGINAL

POR

A. A.

(Principiou no n. 1077.)

—No dia seguinte entrou o carcereiro com a comida.

—Escutai, velho, o Conde não sabe?

—Hoje vai a um baile.

—Descrevei-me as suas feições.

—Para que?

—Quero conhecê-lo.

—O velho me foi dizendo as feições do seu amo: quando elle acabou de fallar, mostrei-lhe um retrato pintado na parede.

—Sois pintor?

—Sim: está parecido?

—E' a sua imagem perfeita.

—Podeis salvar-me, velho!

—Para que? Para depois eu morrer, não é assim?

—O Conde é máo para seus famulos?

ponta se quer do sudario eterno que o cobre em seu tumulo, sobre cuja lousa desfizeram-se os nossos mais mimosos sonhos, as mais ridentes esperanças do nosso amor, como sobre o areal da praia desfaz-se a espuma phosphorescente da vaga nocturna.

Como duas aguias de luz, ao lado uma da outra, vdem as nossas almas atravez da noite silenciosa dos tempos, e no meio da sua immensa e deserta amplitude deixa que eu te leia, oh! virgem, uma pagina da minha vida, aquella que ainda rescende dos perfumes doces e embriantes de tua innocencia angelica, do teu amor celestial.

Seja esta a consolação unica de um triste que bem cedo, quando apenas orvalhada e luminosa começava a bruxoliar nos horizontes longinquos do seu porvir a aurora da felicidade, viu turvar-se de repente o lago puro e crystalino da vida, converter-se em rijos pegões de vento a brisa sonora e perfumada que enrugava a superficie risinha desse lago, transformar-se em agrestes cardós e agudos espinheiros a vegetação luxuriante e bella que se lhe debruçava das margens e a nuvem densa do infortunio cahir sobre os seus dias formosos e enegrecer-os de todo.

Um coração vazio de esperanças e que, embora abysnado na treva espessa do scepticismo, treme ante a idéa torva do suicidio, para viver, precisa de alimentár-se das esperanças que já concebeu, dos sonhos que já sonhou, dos prazeres que já fruiu, das suas recordações emfim.

Não é por conseguinte, exacto dizer-se, oh! virgem, que o homem morre com a ultima illusão que se lhe extinguiu no seio!

Não é exacto, porque, apenas quebra-se o encantado iman que prendia-nos a alma aos olhos do porvir, ali está o passado que, para amparar-nos, levanta-se como uma imagem de morto, abre-nos os braços e nos diz com voz sympathica e cheia de reminiscencias:

« Vinde, orphãos da felicidade e do futuro, vinde sentar-vos á beira do meu tumulo,

—E' um carrasco; uma falta de um seu creado julga um delicto, e depois...

—O que?

—Faz com elles o que fez convosco.

—Miseravel, disse eu rangendo os dentes.

—Mas hoje o Conde vai a um baile, dar-me-heis liberdade, ou o denunciarei, elle será preso e ficareis livre desse carrasco.

—E se não acreditarem no que disserdes? elle é tão poderoso e tão rico...

—Tendes razão; pois forei justiça por mim mesmo, matarei o Conde.

—Porém depois morrereis enforcado, não é assim?

—Deixai tudo por minha conta. A chave deste carcereiro?

—Aqui tem, moço, mas talvez daqui passeis depois para uma prisão publica...

—Que importa? Estarei ao menos debaixo da justicia. E tirei um anel de brilhante, que fôra de minha mãe, e entreguei ao velho.

—A' meia noite abri a prisão, dei em um pateo, saltei por uma janella, cheguei a um corredor escuro e comprido como um caminho do inferno; depois de ter andado por algum tempo vi abrir-se uma pequena porta, e uma voz dizer-me—passai; conheci a voz do meu carcereiro. Dahi a 3 minutos estava salvo.

cuja immensa lousa é o livro eterno em quem de ser registrada a historia da humanidade inteira.»

« Vinde apascentar-vos da saudade e com as lagrimas, que vos borbulham d'alma, orvalhai todas estas grinaldas da vossa innocencia, já murchas e desfolhadas que não vos importastes de arremessar sobre a sarça ardente do vosso caminho, quando, atordoados pelo hymno ruidoso dos prazeres da terra, correis como loucos para o futuro procurando em vão abraçar-vos com o phantasma brilhante da felicidade.»

« E bem vêdes;—á cada passo, que avancaveis no vosso correr delirante, era uma illusão mimosa que esmagaveis, era um desengano atroz que vos confrangia a fronte e cobria-vos de neve á cabeça.—Era uma esperança de menos e um desencanto de mais.»

E então nossa alma desilludida, desligada inteiramente do futuro é como o usurario que já nos derradeiros serões da existencia, alquebrado de cansaço e de todo inhabilitado a fazer multiplicarem-se ainda os seus thesauros, apraz-se em despejar sozinho o cofre das suas riquezas, contal-as uma, duas e muitas vezes.

(Continúa)

Compadre Riñafolles.

Maxambomba 15 de Abril de 1859.

Mais vale tarde que nunca.—O motivo de eu ter-me demorado em responder a sua carta é por que estou—mettido em calças pardas,—não por causa de negocio como lhe aconteceu, mas sim por eu ter o costume de metter-me em tudo—como colinho por costura.—Eis o facto: O meu vizinho Manoel dos Caquinhos como—se fide Deos e de todo omundo,—não se lembrando que a—gente não se deve fiar nem da camisa do corpo,—fiou-se no—palanfrorio—de um certo—quidem,—e ficou-lhe por fiador de uma certa quantia, mas o—meco—apenas apanhouse servido disse lá comsigo:—Pés

Fraco e abatido corri á casa, julgavam-me morto, depois de algumas perguntas, as quaes não sei se respondi, tomei outra roupa, procurei saber onde havia um grande baile nessa noite, e fui para lá correndo.

Tinha-se começado uma partida, conheci logo o Conde; facilmente se reconheceu um carrasco.

O festim durou até as 3 horas do dia seguinte; quando começaram a sair os convidados fui para o patamar da escada.

Passaram muitas fidalgas e muitas mulheres formosas, por fim veio o Conde dando o braço a uma moça linda como sua filha, parecia um anjo levado por Sstán; encostei-me á parede, tirei um punhal de dentro da casaca; quando o Conde desceu o primeiro degrao cravei-o no peito, cahio como fulminado, alirei a arma pela janella, reinou grande susurro e confusão, alguns convidados cercaram o cadaver, outros continuaram a sair, e no meio desses desci eu.

—Ah! perdoai, minha mãe, se commetti esse assassinato, mas soffri tanto!

Porém desde então tenho tido remorsos de ter morto o pai de Adelia, e eu que a amava tanto!

E Alberto deixou cahir a cabeça sobre a mesa.

(Continúa)

p'ra que te quero? — s — abrindo os panos raspaou-se!

Veja você, Compadre, como o — diabo se arma.

Passado o tempo, o credor vendo que o — marreco — não apparecia foi muito — apressurado — ter com o vizinho afim d'elle — pagar as favas.

O vizinho ficou logo — com a pulga atraz da orelha, — e pediu que esperasse mais algum tempo, porque — de hora em hora Deus melhora — e o sujeito podia apparecer, mas o credor não quiz estar — pelas autos — e — pintou o padre, fallou pelas tripas de judas, — e até — sem mais que, nem p'ra que, — disse que o vizinho era connivente com o — biltre.

O vizinho não quiz — ficar atraz, — pois logo a — mustarda chegou-lhe no nariz — e disse-lhe: Sabe que mais? — nem tanto nem tão pouco, por me ver coberto de lã não julgue que sou carneiro, — e demais pucha pelos seus direitos porque eu decididamente não lhe pagol o senhor — pensa que marinhão é gaita? — engana-se, — quem quiser bolotas que trepe!

O credor que é homem de — cabellino na ventu — replicou: O senhor me hade pagar — tão certo como tres e dous são cinco!

E começaram a disputar — feio e forte.

Eu estava só vendo o momento em que elles se pagavam, eis senão quando — zás — meu dito meu feito, — e eis os atracados como — cão com o gato!

Ora Compadre, você bem sabe que era meu dever não consentir que — sem mais nem menos, — insultassem ao meu vizinho e amigo; por isso fui apartal-os, mas — qual carapaga! — não me foi possível.

Como o facto se deu na porta de casa, juntou-se algumas pessoas, e entre ellas um amigo do tal credor, o qual julgou que estava espancando-o o — sem perguntar quem estava de vigia, — lançou-se a mim — como o gato ao rato.

Como — o seguro morreu de velho, — quiz — escafeder-me, — mas o sujeito tinha me agarrado — com unhas e dentes, — e então — vi micos a cavallo, — pois agarrou no meu pobre nariz. Você bem sabe, Compadre, que o tenho soffivel, e por isso me — vi em papos de aranha, — pois a dôr foi tal que — fui ás nuvens — e — vi estrellas ao meio dia.

Fiquei — bambo com a brincadeira e quando safei-me della arhei-me com um pedaço de nariz de menos! Porem — vão-se os anneis e fiquem os dedos, — mais vale dar a lã que a ovelha.

Com tudo, Compadre, eu juro, que — macacos me mordam — se eu não me vingar do patifa; elle me hade pagar — tão duro como osso.

Desnecessario é dizer-lhe que acudio a autoridade, e cada um tratou de — puxar a brasa para sua sardinha; — eu cá por mim tratei logo de — pôr todo em pratos limpos, — e narrei o facto — tim tim por tim tim. — A autoridade arranhou o negocio amigavelmente e retirou-se. Mas o sujeitinho — é da pelle! — Quer saber o que elle fez além de insultar ao vizinho e maltratar-me a — penca? — arranhou testemunhas e mandou-nos citar para comparcermos perante o juiz!

E então, Compadre, — serve-lhe a gaita por um vintem? — em cima de queda couce; — por isso é bem certo — que mais se escandalisa quem borra do que quem limpa. — E agora eis o Sr. Giba mettido — em bem

bons lançoos!.. — Mas, ora adeus — viva amor e chova arroz — e — de mais a mais — nem sempre está o diabo atraz da porta; — por eu da — safra-rascada — sahir com a quarta parte do — beque — de monoa, não me heide sahir mal perante o juiz.

Você bem sabe que eu cá não — tenho papas na lingua — e — não sou mico que morre de caretas — por isso heide dizer a verdade — aos e cruu — mesmo porque gosto das cousas exactas: — pão, pão; queijo, queijo!

A fallar-lhe a verdade, Compadre, eu tenho vergonha de mostrar o nariz ao juiz, mas heide — fazer das fraquezas forças — e já agora — por mais um empurrão, vá a caixa ao porão — pois quero que o sujeito — vá buscar lã e saís' tosquendo.

A minha Eva tem-me andado com a — candoa ás avessas — dizendo que eu talvez vá para o — chilindrô; — por mais que eu lhe diga: Socega, Mimi, — eu sou mais fino que lã de kágado — e sem receio algum heide — fallar pelos cotovellos — pois — quem de medo morre, com medo se lhe fax a cova!

Emfim, Compadre, você bem sabe que — macaco velho não mette a mão em combuca. Eu tenho toda a convicção que o juiz não me hade — encolistrar — comquanto digam que quando eu lá fôr heide ver — moscas por cordas e mosquitos por arames; — mas como — o diabo não é tão feio como se pinta — eu espero sahir — fresco como uma alface — e depois — soldado velho não se aperta.

Não se esqueça de mandar-me participar o que se passar com o juiz a seu respeito, que eu farei o mesmo; bem sabe que *hodie mihi, cras tibi*.

Recommende-me á comadre.

Seu amigo e compadra

Giba.

P. S. Por causa desta maldita — lufa-lufa — que — me poz sal na molleira — esquecia-me dizer-lhe que tem mais um criado ás suas ordens, pois Mimi deu á luz um rapaz — lindo como cousa linda. — Por causa dos dentes elle esteve — entre a cruz e a caldeirinha — e — escapou por um triz de bater a bota — mas hoje felizmente está — são como um péro.

O que admira-me, Compadre, foi mudar-lhe a ama e elle não estranhar, como o filho do vizinho, mas emfim bem diz o ditado que o — bezerrinho manso mama na sua teta e na teta alheia.

Minha lyra.

Minha lyra rude e pobre
Não sabe entoar louvores,
Deixa as glorias sem um hymno,
Canta só os meus amores.

As venturas que outros gozam
Não me causam impressões;
Não canto falsos prazeres,
Canto as minhas sensações.

Que importa que tristemente
Entregue a mudo scismar,
Passe as noites ao relento
Contemplando alvo luar?

Amo a lua, amo as estrellas
Em uma noite calada,
Invejo os beijos da brisa
Ao romper da madrugada.

Mas o amor que tenho n'alma
Que sinto no coração,
He que põe a minha lyra
Em frequente vibração.

Firo a corda da saudade,
Solto aos aros meus gemidos,
Qu'embalados pela briza
São ao longe repetidos.

Assim passo os dias meus
Nos algures da paixão,
A soffrer quantos tormentos
Cabem neste coração.

A' minha filhinha.

Eu tenho um anjo tão lindo
Que parece do céu vindo,
Nas azas trazendo amor;
E' um anginho da terra
E tão formozo que encerra
As bellezas de uma flôr.

No seu semblante reluz,
No seu olhar se traduz,
Sua alma do seraphim:
Tambem o jasmim formoso,
O seu perfume mimoso
Espalha pelo jardim.

Essa formosa criança,
E' meu amor e esperança,
E' minha alma e coração.
E' meu anjo, é minha y da
Minha filha tão querida,
E' meu Deus minha paixão.

E' minha terna filhinha,
Dos meus amores rainha.
E' meu anginho dos céos;
E' minha santa querida,
Que tanto adoro na vida,
Irmã dos anjos, meu Deus.

Assim como o sol brilhante
A terra flôr lá distante
Vai levar a vida e luz,
Tambem te peço, meu Deus,
Que so meu anginho do céos
Ampares com a tua cruz!

Charada.

Por base nos tem o corpo..... 1

Perguntas onde nasci
Dir-te-hei que não foi lá,
Adivinha e com as outras
Tu verás que ligará..... 1

Ai do triste mortal
A quem eu vou ferir,
Grita logo que appareço
Sem de mim poder fugir..... 1

CONCEITO.

Bem longe da terra vou
No mar buscar o sustento,
No meu barco sou feliz
Se m'impelle o brando vento.

S. Romeo Junior